

RESUMO/ ABSTRACT

DIÁRIO DE UMA FAVELADA: UM MUNDO NARRADO

A proposta que inaugura a escrita deste artigo é uma abordagem da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus que dá ênfase à escrita feminina, por meio de uma mulher que viveu às margens de uma sociedade e contra-atacou seus opressores pela sua escrita, alimentando-se de leituras encontradas por vezes nos lixos e escrevendo em papéis recolhidos, por ela, nas ruas. Busca propor uma reflexão sobre a literatura rotulada como marginalizada, evitada, muitas vezes, no âmbito acadêmico, pela denúncia social que traz em sua escrita.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; literatura marginalizada; mulher subalterna.

DIARY OF A SLUM DWELLER: A NARRATED WORLD

The proposal that opens the writing of this article is the approach of the work *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), by Carolina Maria de Jesus. It emphasizes women's writing by a woman who lived at the society margins, and struck back your oppressors for her writing, feeding on readings found sometimes in the garbage, and writing papers collected by her in the streets. It offers a reflection about the literature labeled as marginalized, avoided, often in the academic sphere, by the social critique that carries.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; marginalized literature; subaltern woman.

DIÁRIO DE UMA FAVELADA: UM MUNDO NARRADO

Andréia de Oliveira Alencar Iguma

Mestranda em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD, Dourados-MS
dheia_oliveira@hotmail.com

Leoné Astride Barzotto

Professora da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD, Dourados-MS
leonebarzotto@ibest.com.br

Introdução

Literatura tem que nos tocar.
Tzvetan Todorov

A ideia de escrever um artigo sobre a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, é proveniente da disciplina “O discurso crítico na América Latina”, ministrada pela professora doutora Leoné Astride Barzotto no mestrado em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. A escolha da obra partiu do momento em que esta se faz presente no âmbito da literatura marginalizada, retratada nos estudos culturais, um dos focos da disciplina.

Ao considerar que, há muito tempo, estudiosos do âmbito literário, dedicam suas pesquisas a uma possível definição do que seja literatura, é pertinente explicar que para muitos, a obra que irá dar fôlego à escrita das páginas seguintes não se trata de literatura. No entanto, o caráter deste artigo não propõe uma definição do que seja tal termo, e nem é esta a preocupação que me instigou a propagar esse livro. De tal modo, o que me encorajou a escrita foi o tocar na alma que senti, ao percorrer as páginas escritas por Jesus (2007), que permitiu que, nesses instantes de leitura, deixasse a comodidade da minha residência e percorresse hipoteticamente a favela paulistana do Canindé,

vendo cada rua, sentindo cada cheiro e partilhando de toda dor. No entanto, proponho-me a fazer a análise pautada no quesito presente na epígrafe deste texto, visto que a proposta que inaugura a escrita deste artigo é a de dar voz à personagem Carolina, de caráter autobiográfico, escrito em forma de diário.

Carolina, em suas linhas mal traçadas, faz uma denúncia social que, de forma relevante, é o grito de uma parcela de nossa sociedade, parcela essa, tantas vezes esquecida e em outras ignoradas, mantendo-se em condição de miséria por conta de um sistema ineficaz. Evidencia-se que muitos, vivendo em meio à hipocrisia, permitem que essa mesma parcela de pessoas habite em meio a dejetos por nós ofertados.

Evidentemente, acredito que, por meio da leitura, é possível formar cidadãos críticos e não manipuláveis. Como comprovação, vejo na obra a sensibilidade de uma mulher ao relatar sua vivência em um diário com o propósito maior de alcançar leitores e sensibilizar uma nação. Visto que diante da sua sagacidade contra-atacou uma sociedade simulada, por meio de sua simplicidade e ao mesmo tempo perspicácia.

De tal modo, ao partilhar diálogos na disciplina, pude perceber que esse livro vem ao encontro de muito do que tem sido discutido. E, ainda, compreender a literatura como uma prática cultural, possível de se relacionar com tantos outros discursos. Entretanto, por meio do desenrolar das próximas linhas, serão apresentados fragmentos do testemunho de uma vida, em uma viagem envolvente, escrita pelas mãos de Jesus (2007).

Nesta perspectiva, este artigo tem como objetivo contribuir na reflexão em relação a essa literatura designada como marginalizada, com o apoio de dois subitens: “Quarto de despejo: representação da voz subalterna na literatura marginalizada” e “Carolina, uma leitora do povo”.

1. Quarto de despejo: representação da voz subalterna na literatura marginalizada

Loucura? Sonho? Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira, mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.

Monteiro Lobato

Monteiro Lobato, autor reconhecido no âmbito literário, por meio de sua escrita, conquistou e ainda conquista leitores de todas as idades. Diferente de Carolina, teve em sua casa o maior incentivo à leitura, ao poder desfrutar de uma notável biblioteca, e ainda quando criança, devorar todos os livros destinados a sua idade, escritos em português.

Evidentemente, foi no berço que aprendeu que a leitura “se ensinada, aprendida e praticada de maneira crítica, pode constituir uma janela para o mundo, uma luz no túnel, um passaporte para a racionalidade (...), uma navegação geradora de descobertas” (SILVA, 2005, p. 50). Nesse entender, utilizo de suas palavras para corroborar a leitura feita por mim, na obra de Jesus (2007), visto que Carolina acreditava veementemente no poder das palavras, e mesmo sendo desacreditada, penso eu, não se importou se tudo era loucura ou sonho, e sim, propôs a dar voz a um povo quase sem representação no universo literário.

O que a diferenciava de Lobato era a classe social, e as oportunidades distintas que a vida ofereceu a cada um. Por meio de um diário, uma mulher vivendo às margens de uma sociedade que há muito tempo ignora valores, e vive de *status*, consegue fazer uma denúncia social, utilizando-se da palavra, uma aliada poderosa em relação a este universo mesquinho em que estamos inseridos.

Ao tentar passar para o palpável, Carolina busca, por meio da escrita, representar o mundo em que está inserida.

(...) As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbos. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo¹ (QD², p. 39).

Dentro da obra, de caráter autobiográfico, a narradora, e também protagonista, expõe fatos que norteiam todo o desenrolar da leitura, permitindo que o leitor se situe em relação ao livro que tem em mãos, nomeado como *quarto de despejo*, por assim, ser considerado o lugar em que ela e centenas de brasileiros são submetidos a residir.

Carolina relata que só cursou até o segundo ano secundário, que não teve oportunidades de dar continuidade aos estudos, por pertencer a uma família extremamente pobre:

Eu nada tenho a dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos (QD, p. 50).

¹ Todas as citações que forem decorrentes da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* terá sua escrita na íntegra, obedecendo à maneira em que foi escrita e publicada.

² A sigla QD, seguida do número de página, será utilizada doravante sempre que se fizer referência à obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

Frente ao exposto, todas as limitações não foram suficientes para deter essa mulher, tendo em vista que se tornou leitora, por meio de livros, revistas, jornais, entre outros gêneros de escritas que encontrava nos lixos: “Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você”. E ela respondeu: “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler” (QD, p. 27). Além de todas as limitações que encontrava para sobreviver, ainda sofria preconceito étnico e de gênero. Seu próprio “povo”, questionava o seu interesse pela leitura, deixando transparecer que uma mulher negra e pobre não tinha que gastar tempo com livros.

Mas Carolina se defendia e contra-atacava com palavras, dizendo: “Eu prefiro empregar meu dinheiro em livros do que no álcool” (QD, p. 74). Sempre empunhava a arma mais fatal, que não verte sangue ao atingir, mas propicia reflexões e pensamentos, como ela mesma dizia: “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espadas. E as feridas são incicatríveis” (QD, p. 49).

Vemos, portanto, a nítida importância da leitura e da escrita na vida de Carolina, visto que encontrava nesta grande aliados, que lhe ajudavam firmemente a enfrentar a vida e ter esperança de um amanhã melhor.

(...) Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as miserias são reais.

... O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremam uns aos outros como se espremisse uma laranja (QD, p. 47).

Carolina não escrevia seus textos para deixá-los guardados em uma gaveta. Sua intenção era que estes ganhassem vidas ao serem lidos, e que fossem entendidos como relatos reais, informando que a vida não se limita às pessoas que possuem condições dignas de viver, mas que há uma parcela que sobrevive, sem ter o olhar de um governo em seu favor, como relata em uma das páginas de seu diário:

16 de maio. Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. (...) Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos politicos (QD, p. 33).

Os nomes citados por Carolina são de governantes do final da década de 1950 e início de 1960, que só se recordavam do povo no momento em que precisava de votos, acusação pautada na escrita de Jesus (2007) e ainda hoje vivenciada.

Mesmo sem ter tido oportunidades de frequentar boas escolas e de participar do convívio de pessoas cultas, Carolina tornou-se uma pessoa crítica, capaz de revidar uma nação com a sua voz subal-

terna. “(...) Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (QD, p. 32). É relevante perceber que também era conhecedora de literatura, como nos mostra ao dialogar com escritas do poeta romântico Casimiro de Abreu (1837-1860):

(...) Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança. A vida é bela”. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a epoca está apropriada para dizer: “Chora criança. A vida é amarga” (QD, p. 37).

Tal constatação direciona o leitor a entender que a obra é marcada de críticas. Isso permitiu representar uma cultura e suas vozes silenciadas, trazendo marcas dos mais variados preconceitos contra um povo que vive à margem, que vive calado e esquecido, que é discriminado, violentado, e desprotegido, e tantas vezes iludido.

13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

(...) Nas prisões os negros eram os bodes espiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz (QD, p. 21).

Não sei o que outros leitores de Jesus (2007) sentiram ao ler esse trecho, mas particularmente, eu senti a parte fétida da nossa sociedade, que carrega julgamentos que oprimem pessoas que, indiferente do contexto sociocultural em que estão inseridos, possuem o pulsar de um coração e direito de viver em uma sociedade justa e democrática, indiferente de etnia, gênero ou religião.

“Se entre nós o regime monárquico transitou como um *bestializado* para o republicano, o regime escravocrata transitou para o regime de trabalho livre sem atacar e desatar o nó da condição do subalterno, que é o da escravidão” (SANTIAGO, 2006, p. 230). Nas palavras de Santiago (2006), a condição de subalternidade é também condição de escravidão, que limita o povo a viver, deixando-os em condições sub-humanas, como a escrita de Carolina aponta, ao dizer: “Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela” (QD, p. 42).

É importante ressaltar que Carolina marca muito bem seu *locus* de enunciação, sem deixar de se levar pelos seus sonhos:

(...) Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso.

Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos (*QD*, p. 121).

Isso poderia dar asas a outro tipo de escrita. Mas não era impossível Carolina querer escrever outra literatura, ao vivenciar cenas que lhe feriam a alma, como ouvir de sua filha caçula Vera Eunice, “Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa” (*QD*, p. 43).

A leitura da obra permite compreender que seu dia-a-dia se resumia em catar papéis e vendê-los com o propósito maior de conseguir dinheiro para alimentar a si e aos seus três filhos, sem perspectiva de poder comprar qualquer outra coisa, que não fosse alimento e, ainda assim, muitos dias todos naquela casa dormiam sem ter nada de comer. Com tanta miséria é possível fazer alguns questionamentos. Como uma mulher nessas condições não se entregou ao álcool? Como tinha forças para trabalhar? E, acima de tudo, escrever?

A resposta que vem ao encontro é a vontade de vencer na vida, deixando de ser subalterno e se transformando em escritora “(...) Lavei as loucas e varri o barraco. Depois fui deitar. Escrevi um pouco. Senti sono, dormi. Acordei varias vezes na noite, com as pulgas que penetra nas nossas casas, sem convite” (*QD*, p. 117). Era a escrita e a leitura que a mantinha viva, visto que era por meio dessas, que ela encontrava forças para colocar para fora todas suas revoltas, anseios e esperanças, de registrar sua condição de subalternidade e as máculas que lhe feriam enquanto ser humano e aos demais que a rodeavam.

Carvalho (2001, p. 120) certifica que “assistimos ao dilema constante das classes oprimidas de necessitarem mediadores para que sejam consideradas como atores legítimos de reivindicação. O subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado”.

De modo evidente, Carolina trazia consigo a responsabilidade de legitimar sua classe, de dar voz ao silenciado. Sem se esquecer de cuidar da educação de seus filhos – “27 de novembro... Eu estou contente com os meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo” (*QD*, p. 141). Todavia, não sabia ao certo o que iria deixar de heranças. Seriam castelos e tesouros? Ao certo, deixaria um bem maior do que todos os materiais: a educação.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2009), Carolina avilta seu texto, ao reificá-lo em mercadoria,

afirmando sempre por meio da escrita deste conseguiria sair da favela, e consolidar seu grande sonho de residir em uma casa de alvenaria. Entretanto, até ter êxito em sua busca, o caminho foi árduo e desanimador:

16 de janeiro... Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolve os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra (QD, p. 155).

Mesmo com tantas desilusões, Carolina se manteve firme em seu propósito, aquecida de uma esperança, que a mantinha em pé e lhe conduzia pelas ruas ao catar papéis, com a certeza que um dia o cenário de sua vida, seria diferente, permitindo que seus filhos, partilhassem do âmago da sociedade. Tanto acreditou que o dia chegou:

8 de junho... Quando cheguei e abri a porta, vi um bilhete. Conheci a letra do reporte. Perguntei a Dona Nena se ele esteve aqui. Disse que sim. (...) O bilhete dizia que a reportagem vai sair no dia 10, no Cruzeiro. Que o livro vai ser editado. Fiquei emocionada (QD, p. 172).

A obra foi publicada com assessoria textual de Audálio Dantas, jovem jornalista que também mediou a edição e lançamento do produto final, que “ficou sob medida para a década que se inaugurava e assistia à multiplicação de escritos femininos” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 297).

2. Carolina, uma leitora do povo

A literatura simula a vida, não para retratá-la, mas para permitir ao leitor que dela participe.
Wolfgang Iser

Escrito a quatro mãos, Lajolo e Zilberman (2007) dedicam um espaço do livro intitulado *A formação da leitura no Brasil* para discorrer em relação às leitoras do povo de que a literatura fala. Entre tais, encontra-se Carolina Maria de Jesus, personagem-autora-narradora da obra em questão. De acordo com as escritoras, o livro é

estruturado na forma de um diário que cobre cinco anos de vida na favela paulistana do Canindé, *Quarto de despejo* articula-se numa dicção pessoalíssima, na qual as constantes infrações da gramática e da ortografia

não silenciam a força de uma linguagem que, se equivoca acreditando literarizar-se no recurso ao léxico rebuscado, intui corretamente a força da narração desativada, dos períodos muito curtos, das imagens concretas: “É o início do mes. É o ano que deslisa” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 297).

Indicado para o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM, no ano de 2001, o livro foi desmoralizado por uma parcela da sociedade, que se apoiava nas infrações gramaticais cometidas por Jesus (2007). No entanto, é possível acreditar que realmente o que incomodava não era a ortografia, e sim, a denúncia discursada entre as palavras organizadas em formato de diário e, posteriormente, de livro, que

(...) alinhavam-se, na curiosa articulação imposta ao leitor, comentários, reflexões, eventos e esperanças que compõem o dia-a-dia de uma mulher negra e pobre, que chegou a São Paulo como retirante mineira, perambulou por diferentes empregos de doméstica, transformou-se em catadora de papel, e coroa tão inusitado currículo com a escrita de um livro (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 298).

Para o teórico cultural jamaicano Stuart Hall, “a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão” (HALL, 2003, p. 28). Isso provoca, assim, o que denominamos por diáspora, que, segundo Bonnici (2009), é o deslocamento livre ou forçado de populações fora de seu país para novas regiões e, ainda, o deslocamento, de seu local original, para outra região. Evidentemente, Carolina pode ser considerada como um alguém diaspórico, visto que deixou sua terra natal devido a problemas econômicos, em busca de novos horizontes. No entanto, os problemas percorreram consigo todo o trajeto, instalando-se em seu novo local de moradia.

Outro aspecto relevante é o de sua fala não ser direcionada aos seus “vizinhos” e, sim, a mim e a você, leitor deste texto, que, tantas vezes envolvidos na comodidade e no conforto de nossas casas e escritórios, deixamos de nos lembrar das favelas, que, aos olhos de Carolina, é a parte podre das cidades, como nos relata ao dizer:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquela paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas (QD, p. 85).

Em Sperber, encontramos o depoimento de que “o marginal, mesmo pouco-alfabetizado, é capaz de escrever, pode ter gosto pela palavra bela, tem sentido crítico; ele luta, trabalha muito, tem consciência e responsabilidade” (SPERBER, 2008, p. 27). O que vem a estabelecer um diálogo com Carvalho (2001), ao dizer que

uma das estratégias pós-coloniais mais eficazes consiste em produzir um tipo de texto – uma crítica cultural, enfim – que acuse a barbárie inerente e fundante dos textos monumentais do colonizador (CARVALHO, 2001, p. 126).

Acusação fortemente abordada na obra de Jesus (2007), que não escondeu sua identidade, conceito este que, de acordo com Bonnici (2007), “é um conjunto de características pessoais ou comportamentais pelas quais o indivíduo é reconhecido como membro de um grupo” (p. 146). De tal modo, pode-se considerar como características da identidade de Carolina o fato de ser negra, mulher, pobre, favelada, mãe solteira. Um alguém que se fez leitora, se fez guerreira, se manteve mãe, mulher e cidadã. E, ainda, mantinha uma identidade de poetisa, ao discursar, por exemplo, que “os políticos sabem que eu sou poetisa, E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (QD, p. 40). Nas palavras de Carvalho,

o que está em jogo, de fato, é a luta pelo controle da narrativa histórica: são as tentativas do dominador de silenciar a versão do subalterno e as estratégias desse para desmascarar a versão dominante que se pretende fixar como verdadeira (CARVALHO, 2001, p. 126).

Ao levar em consideração a abordagem feita por Piglia (2004), nota-se que

a arte de narrar é uma arte da duplicação; é a arte de pressentir o inesperado; de saber esperar o que vem, nítido, invisível, como a silhueta de uma borboleta contra a tela vazia. Surpresas, epifanias, visões. Na experiência renovada dessa revelação que é a forma, a literatura tem, como sempre, muito que nos ensinar sobre a vida (PIGLIA, 2004, p. 114).

Certamente Carolina nos ensina, ao contra-atacar pela escrita a importância da leitura, visto que esta permite a desconstrução de estereótipos, que a literatura apresenta facetas e propaga outras histórias. Apresenta “verdades” e desconstrói “mentiras”. É preciso combater todo esse terror com palavras, que perfuram a alma, preenche lacunas e ressignifica vidas.

Para Santiago (2000), a condição de subalternidade é a condição do silêncio, e

a leitura em lugar de tranquilizar o leitor, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, transforma-o, radicaliza-o e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência (SANTIAGO, 2000, p. 20).

De tal modo, como apreciadora da literatura, vejo-me na obrigação de contribuir para o acelerar deste processo, propagando autores como Carolina Maria de Jesus, e a cada dia mais questionar a instauração de um cânone elitizado. Cânone constituído por meio de pessoas que não almejam dar voz ao portador da literatura denominada por esta sociedade como marginalizada, que ao meu entender, na verdade, vem a ser a porta-voz de um povo calado, que vivem à margem, na condição de subalternidade.

Considerações finais

Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas.
Rildo Cosson

Hoje, ao redigir este artigo, na comodidade do meu escritório, pelo olhar de uma pós-graduanda, percebi que a parcela que cabe a mim é tentar propor uma denúncia social, por meio dessa narrativa que representa uma cultura e suas vozes silenciadas, tendo Carolina como protagonista, que representa fielmente um quadro da sociedade em que estamos inseridos. Essa obra veio consolidar o motivo pelo qual estudo literatura, visto que ela proporciona em efeitos miméticos a reprodução da vida, tantas vezes ofuscada.

A obra que foi analisada neste artigo é de cunho autobiográfico, sendo o núcleo temático um período da vida da autora. O que nos encaminhou em toda escrita, evidentemente, a obra eleita para a elaboração deste, vem ao encontro de muito do que foi estudado em sala de aula no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, permitindo o entrelaçar de teorias e narrativa, forma irrepreensível de corroborar os ensinamentos ofertados, e agora aplicados.

Sendo assim, as possíveis considerações estabelecidas neste artigo foram para confirmar a proposta que o inaugurou, direcionando o leitor ao entendimento de que, na leitura de uma obra literária, é possível encontrar práticas sociais que delatam reais condições humanas, e que, aos olhos de Santiago (2006), a razão de tamanho desequilíbrio é tanto familiar e social quanto educacional.

Isso porque, dia após dia, as leis vêm criando raízes dentro das Constituições sem serem aplicadas em prol de um mundo melhor, passível de concretizações que estabelecem direitos e deveres iguais. Sendo assim, espera-se ao menos, que chegue o dia, em que “os oprimidos tenham voz, e que estes reclamem sempre o seu direito de narrar suas experiências, suas insurreições, suas memórias, suas tradições, suas histórias” (CARVALHO, 2001, p. 124).

Referências bibliográficas

- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- _____; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.
- BUTOR, Michel. “O uso dos pronomes pessoais no romance”. In: _____. *Repertório*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 47-57.
- CARVALHO, José Jorge de. “O olhar etnográfico e a voz subalterna”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, nº 15, jul. 2001, p. 107-47.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. de Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.
- ISER, Wolfgang. *A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção*. Trad. de Maria Ângela Aguiar. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUC-RS. Porto Alegre: Publicação do Curso de Pós-graduação em Letras, v. 3, nº 2, mar. 1999.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- LOBATO, Monteiro. *Miscelâneas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SANTIAGO, Silvano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em curso: trilogia pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Linguagens e Sociedade).

SPERBER, Suzi Frankl. *Identidade e alteridade: conceitos, relações e a prática literária*. Campinas, SP: Unicamp/IEL/ Setor de publicações, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. São Paulo: Difel, 2009.

Recebido em 17 de fevereiro de 2011

Aprovado em 26 de abril de 2011